

**LINGUAGENS EM (IN)TENS(Ç)ÕES:  
CIÊNCIA E ARTE NO ENSINO DE GEOGRAFIA<sup>1</sup>**

**LANGUAGES AT (IN)TENTIONS:  
SCIENCE AND ART IN TEACHING GEOGRAPHY**

**IDIOMAS EN (IN)TENS(Ç)IONES:  
CIENCIA Y ARTE EN LA GEOGRAFÍA DOCENTE**

*Flaviana Gasparotti Nunes*<sup>2</sup>  
Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, Brasil

*Cláudio Benito O. Ferraz*<sup>3</sup>  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Presidente Prudente, Brasil

**Resumo:** A crise do conhecimento científico indica a necessidade de repensarmos o modelo uniforme de seu discurso na direção da abertura ao diálogo com outras linguagens e instâncias do saber humano, como a filosofia e, principalmente, as artes. Partindo desse pressuposto, faremos uso de alguns trechos do livro gráfico **Do Inferno** para analisarmos as possibilidades de geografias tensionarem o discurso hegemônico dessa ciência. Neste sentido, destacamos o potencial da arte em apresentar outros sentidos para o conhecimento geográfico, fazendo a linguagem científica derivar em novas possibilidades.

**Palavras-chave:** Linguagens; Ciência; Geografia; Arte.

**Abstract:** The crisis of scientific knowledge indicates the need to rethink the uniform of his speech in the direction of openness to dialogue with other languages and instances of human knowledge, such as philosophy, and especially the arts. Based on this assumption, we use some excerpts from graphic novel **Fom Hell** to analyze the possibilities of geographies tensing the hegemonic discourse that science. In this regard, we highlight the potential of art in presenting other senses to geographic knowledge, making scientific language drift into new possibilities.

---

<sup>1</sup> Este texto é o desdobrar das atividades de pesquisas desenvolvidas no interior do **Grupo de Pesquisa Linguagens Geográficas** e integra o **Projeto Imagens, Geografias e Educação** (Processo CNPq 477376/2011-8). Uma versão mais simples deste texto foi apresentada pelo segundo autor no VI Congresso Brasileiro de Geógrafos realizado no período de 18 a 23 de julho de 2004 pela Associação dos Geógrafos Brasileiros, na cidade de Goiânia. A versão aqui apresentada foi elaborada especialmente para coordenação da Mesa Redonda e da Sessão Temática Educação, Arte e Geografias: Linguagens em (in)tens(ç)ões, as quais se dão no interior do **II Simpósio Nacional de Geografia, Literatura e Arte e I Simpósio Internacional de Geografia, Literatura e Arte**.

<sup>2</sup> Doutora em Geografia pela UNESP – Presidente Prudente. Professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Membro do Grupo de Pesquisa Linguagens Geográficas e da Rede Imagens Geografias e Educação. E-mail: <flaviananunes@ufgd.edu.br>.

<sup>3</sup> Doutor em Geografia Humana pela USP. Professor do Depto. de Educação da FCT/UNESP de Presidente Prudente (SP) e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFGD (MS). Coordenador do Grupo de Pesquisa Linguagens Geográficas. Membro da Rede Imagens, Geografias e Educação. E-mail: <cbenito2@yahoo.com.br>.

**Keywords:** Languages, Science, Geography, Art.

**Resumen:** La crisis del conocimiento científico indica la necesidad de repensar el modelo uniforme de su discurso hacia una apertura al diálogo con otros lenguajes e instancias del saber humano, como la filosofía y, principalmente, las artes. A partir de ello, utilizaremos algunos fragmentos del libro gráfico **Do Inferno** para analizar las posibilidades de que geografías provoquen una tensión del discurso hegemónico de esa ciencia. En este sentido, destacamos el potencial del arte en presentar otros sentidos para el conocimiento geográfico, lo que encaminaría el lenguaje científico hacia nuevas posibilidades.

**Palabras clave:** Lenguajes; Ciencia; Geografía, Arte.

## 1. PALAVRAS INICIAIS DE ESCLARECIMENTO

Intenciona-se com este texto pontuar nosso entendimento sobre o tema comum proposto para a Sessão Temática e para a Mesa Redonda a serem efetivadas no interior de um Simpósio que aborda as questões da Geografia científica e da linguagem artística, notadamente a literária. A questão da aproximação e distanciamento entre essas linguagens, Ciência e Arte, permeia o processo de elaboração do conhecimento desde as origens da humanidade enquanto força produtora de pensamentos.

Atualmente, após séculos de domínio ou superioridade de certa concepção de racionalidade científica, a qual se amalgamou aos mais diversos produtos da existência cotidiana das populações do planeta, a crença que esse conhecimento possa explicar em definitivo a todos os problemas e resolver todas as mazelas sociais está bastante rasurada (PRIGOGINE, 1993).

Nesse ponto, resgatam-se outros planos capazes de produzir conhecimento e, principalmente, pensamento tais como a filosofia e, notoriamente, a Arte, ao mesmo tempo em que se abrem outras possibilidades de se entender a função da ciência, seus limites e possibilidades num contexto mais respeitoso entre os diversos saberes e linguagens.

Sendo assim, este artigo coloca-se no contexto de busca e contribuições por parte da Geografia para essa questão.

Quando a Geografia, em nome de sua institucionalização científica, assumiu um padrão oficial de produzir conhecimento, acabou por deixar de fora todo um universo de saberes, os quais, em nome da resistência e da riqueza cultural, acabaram sendo trabalhados e interpretados por outras áreas e linguagens, como a literária, em sua diversidade de manifestações (FERRAZ, 2011, p. 17).

Buscar encontros nos quais linguagens como a científica e a artística possam estabelecer contatos, trocas de ideias e leituras, visando um mútuo enriquecimento, é vital na atualidade; mas esse contato não é isento de tensões. Trata-se de planos diferentes de elaboração de conhecimento, daí o plano científico, que tem por intenção atualizar informações e elaborar funções e proposições que permitam logicizar e organizar certa leitura dos fenômenos, sofrer derivas frente ao plano artístico, o qual se articula em perceptos e afectos para possibilitar sensações capazes de instaurar outras formas de pensar (DELEUZE; GUATTARI, 1992). O mesmo ocorre com a Arte nesse encontro com a ciência – ambas as linguagens saem modificadas nesse contato, suas intenções mudam.

Diante do exposto, temos a Geografia, um discurso científico a buscar agenciamentos com as linguagens artísticas. Para expressar a riqueza desse contato, vamos aqui utilizar de uma forma artística que articula literatura e imagem, ou seja, vamos fazer uso do romance gráfico intitulado **Do Inferno** para exemplificar e pontuar como as tensões entre essas linguagens podem provocar tensões internas às intenções usuais do discurso geográfico, abrindo-o para outras possibilidades.

Tal desafio coloca-se devido à grande força que esse conhecimento da ordem espacial dos fenômenos deveria ter nos estudos realizados no interior da escola, contudo, acaba sendo desprezado e pouco valorizado pelos alunos, principalmente por entenderem como geografia aquilo que está definido pela ordem institucional do discurso científico oficial, o que aponta para um distanciamento entre as condições espaciais em relação à realidade vivida e aquilo que se elege como conteúdo geográfico a ser trabalhado em sala de aula.

No universo escolar, a geografia trabalhada é um conjunto de palavras, gráficos e mapas que devem ser reproduzidos como informação necessária para os alunos saberem como o mundo é. No entanto, esse conhecimento não contribui muito para que os alunos consigam melhor se orientar e se localizar no mundo a partir do lugar e condições em que se encontram. Nesse aspecto, o contato com a arte, e o exemplo a ser

aqui trabalhado pode contribuir para a busca de outras possibilidades e intenções desse conhecimento.

Nosso objetivo não é dizer como trabalhar esse recurso em sala de aula – o romance gráfico - isso seria cair na mesma vala comum de evitar que o professor pense e produza conhecimento com seus alunos, apenas reproduzindo o modelo já definido por outros sobre como fazer para se atingir de forma mais eficiente e didática a verdade já estabelecida sobre dado conteúdo. Almejamos apenas tensionar essa concepção majoritária sobre como se aborda o ensino de geografia, de maneira que a discussão ganhe um caráter mais epistemológico, para assim, efetivamente, contribuir com a linguagem geográfica, a qual não é exclusiva de um método de pesquisa ou de ensino.

Feitos esses rápidos esclarecimentos, passemos às nossas intenções de fato.

## 2. AS TENSÕES ENTRE LINGUAGENS: GEOGRAFIA NA CIÊNCIA E NAS ARTES

A título de articulação de nossos argumentos, comecemos com um exemplo. Vejamos a citação a seguir:

Grande parte da narrativa de Londres não foi traçada em palavras. Na verdade é uma literatura de pedra, de nomes e associações [...] onde ecos indistintos reverberam de muros distantes e destroçados da história sangrenta (MOORE, 2000, p. 91).

A referida frase foi retirada de um livro em quadrinhos, desenhado por Eddie Campbell e escrito por Alan Moore, chamado **Do Inferno**<sup>4</sup>. É uma ficção elaborada a partir de minuciosos levantamentos e pesquisa realizados por Moore quanto aos documentos, livros, notícias e toda espécie de informação produzida na época e que depois foram elaborados por outros interessados sobre os motivos que levaram ao assassinato de várias mulheres, na Londres de fins do século XIX, por um estripador denominado "Jack". O que nos chama atenção nessa obra de Moore é que o

---

<sup>4</sup> Alan Moore é um dos maiores escritores e roteirista de quadrinhos. Autor de clássicos como **Watchmen**, **V de Vingança**, **Hellblazer**, entre outros. **Do Inferno** (From Hell, em inglês) é seu romance gráfico de 1991. Em mais de 500 páginas conta a história dos assassinatos de Jack, o estripador, a partir da teoria conspiratória de que as mortes foram feitas por um ilustre médico, Dr. Willian Gull, a mando da rainha Vitória para encobrir o nascimento do filho bastardo do herdeiro do trono com uma prostituta. As prostitutas mortas eram suspeitas de saberem a verdadeira história e o Dr. Gull utilizou o cognome "Jack" para desviar a atenção das autoridades e da imprensa na direção do suspeito ser um membro das classes populares.

levantamento rigoroso que fez dos documentos relacionados a esses assassinatos, de caráter bastante científico em sua precisão e metodologia, desemboca em sua obra por uma perspectiva do contexto espacial de Londres no período.

Moore inicia sua obra por meio de um mapa da cidade de Londres. Uma representação matemática em escala das vias e prédios londrinos, no entanto, como o próprio personagem Dr. Gull, que depois será denominado Jack, expressa, é necessário geografizar o potencial que ali está representado enquanto mera cartografia (MOORE, 2000, p. 101).

A potência geográfica presente nos mapas é a multiplicidade de histórias que ali se territorializam nos lugares cartograficamente representados, histórias que contextualizam a espacialidade a ser descrita pelo assassino, o qual vai guiando o leitor pelos vários pontos do território londrino, apresentando os monumentos e as histórias que se encontram por debaixo dos mesmos, derivando da fisicidade desses prédios, ruas, obras religiosas e nomes dos locais a disposição geométrica da paisagem londrina, agenciando em cada lugar a tensão das múltiplas histórias que envolvem a luta entre homens e mulheres através dos séculos e que ali se reverberam como um fato, uma justificativa lógica para matar as prostitutas.

Ele, o personagem Jack, adentra no aspecto geográfico mais profundo, estabelecendo uma interação de escalas diferenciadas de fatos e marcos territorialmente ocorridos em diversos períodos da história de Londres, demonstrando como estes perduraram ou se transformaram nos referenciais imagéticos e terminológicos com que os moradores da grande metrópole do final do século retrasado, então, liam e vivenciavam a esta. Por isso, os "ecos distintos reverberam de muros distantes e destroçados da história" em narrativas que não se reduzem a palavras, mas em imagens, em sombras, silêncios e balbucios que se territorializam de forma angustiante naquele lugar e momento. Todos os erros e massacres ocorridos contra as mulheres no passado se reterritorializam na Londres capitalista, cosmopolita e moderna – uma cidade berço da nova civilização industrial não pode conviver com os frutos de seus erros políticos, econômicos e éticos, portanto, a escória tem que ser eliminada: é necessário matar as prostitutas.

Ao acompanharmos o personagem que será o assassino "Jack" em seu deslocar pelos vários pontos da cidade de Londres, explicando para o seu cocheiro a origem dos

nomes, das formas e o sentido oculto dos monumentos, ruas e construções que demarcam a história mais densa e subterrânea da grande cidade, vamos entendendo a lógica por ele elaborada para que, em meio às terríveis desigualdades sociais e econômicas, frente às contradições de classes e dos conflitos de interesses sociais, paralelo à força dos meios de comunicação cada vez mais voltados à espetacularização da sociedade vitoriana, pudesse cumprir sua missão de eliminar os símbolos da corrupção e decadência civilizatória.

Toda a descrição histórica dos elementos espaciais, com rigor e precisão científica, elaborada pelo Dr. Gull (Jack) desemboca numa mística cujo desenlace é a estripação das prostitutas, culpadas e vítimas de seus destinos, assim como o próprio assassino. Por trás de tudo isso, havia os grandes interesses de classe, tanto da monarquia quanto da alta burguesia, assim como a disputa mesquinha por ascensão social e econômica de policiais, jornalistas, marginais, interesseiros e aproveitadores em geral.

As diversas narrativas pessoais se entrelaçam com a história das grandes tragédias expressas em monumentos e marcos territoriais como a eliminação do sonho feminino pelo poder, exemplificado com a morte de Boadiceia e seus discípulos e seguidores pelos romanos, justamente onde então se localizava a Batle Bridge, ou então os obeliscos fálicos, representando o poder masculino oriundo dos rituais pagãos de tempos imemoriais, como os colocados em Bunhill Fields e no campanário de São Lucas, além de todo o referencial eclético religioso expresso na mística arquitetura de Saint George Bloomsbury, e assim por diante. Cada monumento, nome ou fenômeno se localiza num ponto geométrico da cidade, estabelecendo uma rede de linhas que capturam a lógica discursiva do assassino; ele vai, assim, “provando” para seu cocheiro que a luta contra os erros da humanidade sempre foi uma luta contra os desvios do feminino.

Às vezes um ato de magia social se faz necessário; o triunfo do homem sobre a insegurança da mulher, o pó da história ainda não assentado. Tempos mutáveis apagam o padrão que restringe o lado irracional feminino da sociedade [...]. A razão está sitiada: apesar de toda nossa ciência, estamos diante de uma era de sessões espíritas confundindo mistificação com a Sabedoria da Antiguidade [...]. Nossas sufragistas exigem que as mulheres votem e tenha igualdade! Elas nos arrastam a esse jardim-de-infância primordial, ao domínio do

instinto e da tirania do leite materno. Isso, não podemos tolerar (MOORE, 2000, p. 112).

Todas as descrições e caracterizações dos monumentos, nomes dos lugares e obras arquitetônicas, com suas formas, contornos, volumes, cores e texturas, permitiram transformar as imagens em um arranjo paisagístico diversificado, no qual a razão científica, expressa na rigorosa técnica de construções de canais, pontes, prédios, sistemas de esgotos e ruas, vedava aos olhos comuns toda a riqueza oculta no subsolo ou no interior das pedras das construções, não permitindo aos habitantes em geral perceberem as histórias, lendas e mitos de tragédias, sonhos e desesperos na luta entre homens e mulheres, entre a civilização e a barbárie na formação deformada do ser humano de então.

O conjunto daquela espacialidade vivenciada em tempos diferentes convergia para a Catedral de Saint Paul e a Igreja de Cristo em Spitalfields, e assim analisando os diversos locais, Dr. Gull (Jack) traçou um mapa delimitando cartograficamente os pontos onde os crimes haveriam de ocorrer, ou seja, todos localizados em Whitechapel, região de grande concentração de prostitutas, marginais, corruptos, drogados, enfim, o local em que, segundo o estripador, a degeneração do ser humano se apresentava de forma mais expressiva, corrompendo a tudo e a todos. Dr. Gull (Jack), portanto, usou de toda uma racionalidade científica para justificar o acerto de suas ações futuras: assassinar mulheres para manter a ordem civilizatória da monarquia inglesa.

A genial amarração das diferentes escalas nas quais os diversos elementos e fenômenos espacialmente ocorreram, permitiu a Moore estabelecer um sentido plausível do por que dos assassinatos ocorrerem naqueles locais e com determinada metodologia e propósito. Logicamente que, conforme o próprio autor expressa, a única certeza disso tudo é que as mulheres foram barbaramente mortas, o resto é tudo especulação feita por ele para criar sua obra ficcional, contudo, para o nosso interesse aqui, não é a verdade definitiva de quem era Jack ou dos motivos dos assassinatos o que nos importa, mas sim como o autor trabalha com linguagens geográficas diferentes.

De um lado, utiliza uma linguagem geográfica institucionalizada, científica, fazendo uso de mapas, do rigor de localizações e precisão da análise para justificar os atos do assassino. De outro, identificamos uma dada geografia aparentemente oculta, que não parece explicitada ao longo de seu relato, mas que permeia os vários

personagens e locais, com suas diferentes escalas a se inter-relacionarem e, de tão presentes no cotidiano de cada um, os envolvidos não tomam consciência da mesma. Tal enfoque instiga-nos para um olhar mais atento sobre o que de realmente geográfico estamos manuseando em nossas aulas e pesquisas e o que de concretamente geográfico podemos perceber no cotidiano e nos, ocultos ou não, elementos compositores da paisagem por nós vivenciada ou tão somente observada.

Essa geografia aqui exemplificada a partir de Alan Moore, coloca uma interrogação sobre os conteúdos, teorias e referenciais metodológicos selecionados pelos grandes pensadores que institucionalizaram este saber. A geografia oficial, enquanto discurso científico institucionalizado parece negar, ou, no mínimo, não perceber, as condições cotidianas da espacialidade vivenciada e acontecida pelos corpos em suas singularidades e existências, restringindo-se ao conjunto de conceitos e modelos teóricos eleitos como únicos pela geografia trabalhada pelos especialistas. O espaço concretamente vivido é transformado, ou seja, de realidade inerente ao cotidiano de cada ser humano, não importando aí o momento histórico de dada sociedade, passa a ser mero objeto de estudos conceituais, reduz-se a ser um elemento do discurso científico segundo os padrões formais e paradigmáticos que se colocam como os únicos possíveis para se fazer ciência.

Ao que atualmente chamamos de discurso científico da Geografia é o burilamento de uma forma de se elaborar e exercitar dado saber que, desde tempos imemoriais, fazia parte do cotidiano do ser humano na sua busca de melhor compreender onde estava, de como sobreviver naquele contexto territorial e para onde ir a partir desse entendimento. Portanto, era um saber que servia à prática do viver humano e se encontrava imerso no caldeirão comum das formas que modernamente classificamos como científica, artística, cotidiana [...] (FERRAZ, 2011, p. 14-15).

O discurso científico da Geografia se consolidou como tal ao longo do século XIX, em acordo com o conjunto das disciplinas científicas modernas, mas com o tempo demonstrou ser um emaranhado de conteúdos cuja prioridade mudou. Inicialmente, tentava levantar dados e informações sobre a organização territorial das várias regiões do planeta, visando a ampliação do conhecimento da Terra em seu conjunto, no entanto, posteriormente, passou a ter como função prioritária o perfil ideológico a atender às necessidades de administração territorial em nome do Estado-Nação, ou seja, de garantir

o projeto civilizatório da lógica econômica do mercado capitalista em termos globais a partir da delimitação e domínio racionalista de cada porção do território. É exatamente o que Dr. Gull (Jack) tenta proceder em sua Londres.

Tentar fazer da racionalidade e objetividade da linguagem científica um discurso que justifica ou atenda a interesses particulares, encobrindo ou favorecendo forças destrutivas e negadoras do sentido da vida; esse foi o caminho que boa parte dos frutos da ciência tendeu a percorrer. Dr. Gull transformou-se em Jack em nome da ordem e da perpetuação do poder estabelecido. A geografia de Londres por ele traçada reverbera atualmente nas salas de aula, nos escritórios de planejamento, nos centros de pesquisas etc. Tensionar essa concepção de ciência que envolve a geografia majoritariamente trabalhada hoje em dia é de fundamental importância, perceber suas intenções e buscar outros sentidos e possibilidades de saberes espaciais, eis o desafio que se coloca para outra linguagem científica.

### **3. AS INTENÇÕES DA LINGUAGEM CIENTÍFICA: TENSÕES POR OUTRA CIÊNCIA**

Devido aos processos lógicos que garantem a reprodução da sociedade produtora de mercadoria, ou seja, a necessidade de eficiência técnica para ampliar a produtividade, assim como de controlar os elementos envolvidos em todo o processo de produção-circulação-consumo fez com que o conhecimento científico se distanciasse de seus objetivos de elaboração de referenciais para entendimento/explicação dos fenômenos e ficasse limitado à construção de técnicas e tecnologias de controle e potencialização produtivista. Com essa demanda, a ciência foi se especializando em áreas cada vez mais isoladas em si, ampliando a distância entre as análises que permeiam as relações humanas (História, Geografia, Antropologia, Sociologia, Psicologia etc.) e os saberes exatos, físicos ou passíveis de experimentação laboratorial (Química, Física, Matemática, Biologia etc.), confundindo todos estes a partir dos modelos teóricos de exatidão e objetividade com fins pragmáticos (engenharias, tecnologias etc.).

Com isso, o que se tinha como referencial de ciência no século XIX já não se aplica mais ao que atualmente fazemos a partir desse nome, ou seja, tomar como modelo de ciência aos quesitos presentes no processo de pesquisa desenvolvidos pela Física, atualmente, e aplicá-los, com ligeiras adaptações, à Geografia é bastante

temerário, pois os fatores, processos e elementos envolvidos no entendimento do mundo sob a ótica geográfica possuem outros comportamentos bastante diferenciados dos estudados pela Física, daí a busca por outros referenciais científicos, mais amplos e condizentes com as atuais características do homem em sociedade.

Essa perda de referenciais parametrizados pelas próprias necessidades e objetivos do conhecimento em relação ao mundo perpassa toda a razão científica consolidada durante os últimos 500 anos a partir de um jogo complexo e tenso entre a busca quase que insana por uma dada verdade e os diversos e conflituosos interesses econômico-políticos. As estruturas científicas, a linguagem, os referenciais teóricos, os mecanismos e técnicas de observação e pesquisa que foram trilhados ao longo dos últimos séculos acabaram demonstrando seus limites diante dos objetivos que então se propunham, cobrando um redimensionamento não só desses objetivos, mas dos vários elementos que compõem o universo dessa instância da produção do conhecimento humano.

Dentre as várias críticas aos limites e exageros da razão científica, optou-se aqui por citar algumas que melhor exemplificam a estas. A princípio, destacamos a ideia de Ignácio da Silva Telles (1997, p. 48):

Tal era a confiança que se tinha nessa nossa faculdade intelectual, que se acreditava que nada existe tão longe de nós que escape ao alcance dela, e se repousava tranquilamente na crença da salvação da humanidade pela evolução das ciências [...] em consequência, outras faculdades congoscitivas da inteligência humana, algumas porventura mais profundas do que a razão, se atrofiaram (TELLES, 1997, p. 48).

Portanto, aqui é ressaltada a pertinência de se buscar outros padrões de racionalidade que subvertam e superem esta “racionalidade instrumental”, a qual visa apenas tornar mais eficientes os mecanismos de “controle e treinamento”. Destaca-se também Max Horkheimer (1983, p. XV) ao apontar que esse padrão de racionalidade, em seu vínculo com a ciência, remonta ao Discurso do Método de René Descartes, o “qual fundamentou a ideia de ciência como sistema dedutivo, no qual todas as proposições referentes a determinado campo deveriam ser ligadas”.

Concordamos com Horkheimer quanto à importância ímpar do conhecimento científico para o avanço da compreensão do universo, pois permitiu ao ser humano

superar os limites físicos de sua existência, melhorando e ampliando as condições de vida para um conjunto bem maior da população do planeta, graças ao controle técnico e conceitual sobre a natureza; contudo, o referido autor alega que o cientista se transformou num especialista cujo trabalho realiza-se em desconexão com o conjunto de elementos que compõem o real, perdendo a capacidade de crítica e de controle social dos frutos do conhecimento, ou seja:

Chega-se, assim, ao paradoxo de que a ciência tradicional, exatamente porque pretende o maior rigor – para que seus resultados alcancem a maior aplicabilidade prática -, acaba por se tornar mais abstrata, muito mais estranha à realidade [...]. O especialista “enquanto” cientista vê a realidade social e seus produtos como algo exterior e [...] oposição entre a consciência dos objetivos, espontaneidade e racionalidade (HORKHEIMER, 1983, p. 132).

Assumir que atualmente vivenciamos uma dinâmica social muito mais complexa - fruto e muito do desdobrar do próprio conhecimento científico em produtos e tecnologias que se voltaram para as novas condições de informação, produção e consumo - é crucial para não se insistir com a ideia de razão científica como a única capaz de dizer a verdade sobre e para onde a sociedade de caminhar. É a partir dessa tomada de consciência que muitos cientistas e pensadores da ciência buscam novas alternativas para a concepção tradicional de ciência, paralelamente a um reequacionamento de caminhos já trilhados ou abandonados, ou seja, não evitando as tensões na busca por novas intenções do fazer científico.

A geografia está inserida nesse processo e nossa discussão aqui visa contribuir justamente nessa direção. O que se objetiva não se configura propriamente como novidade, apenas insistimos em alguns aspectos já apontados por outros, geógrafos ou não, quanto a pertinência de um conhecimento que permita melhor olhar a paisagem do mundo a partir das experiências humanas, possibilitando uma consciência mais crítica e uma leitura mais rica do espaço cotidiano.

Esta análise parte da perspectiva de uma produção do conhecimento científico cuja relação sujeito/objeto não seja fruto de cisões dualistas tão caras às abordagens metafísicas, ou, como já se tornou usual, para o parco e viciado pensamento acadêmico da crítica geográfica, da "abordagem positivista". Tomar o objeto como algo inerente aos processos como interpretados pelos sujeitos, algo distinto, mas não separado, pois

conhecer algo é interagir com o mundo, é fazer-se penetrar pelo que é externo e provocar intenções, trocas e mudanças. Isso aponta para o fato de que o objeto não pode ser pensado em separado de quem o pensa, como um fenômeno passível de ser interpretado por uma série de posturas e medidas tecnicamente neutras, exatas, racionais e precisas, para assim chegar a uma definição correta e totalizante do mesmo.

É necessário questionar a problemática do objeto como um ponto a ser rigorosamente delimitado e analisado na pesquisa científica, pois essa perspectiva reside no fato de se eliminar uma série de elementos que buscam o necessário “rigor científico”. Ora, não seria mais correto trabalhar com a possibilidade do erro e com a aceitação da relação com o(s) sujeito(s) da observação? Ou seja, a objetividade única e infalível só tem sentido enquanto metafísica do discurso, pois, em relação à realidade, será sempre um corte empobrecedor e, caso queiramos enriquecer a análise, não seria melhor trabalhar sem tanto rigor formal discursivo, mas com um rigor real condizente com a dinâmica e flexibilidade das relações humanas? Quem olha muito fixamente para um objeto corre o risco de ficar cego em relação ao resto, daí a necessidade de não restringirmos nosso olhar a apenas uma dada ideia de objetividade infalível via o emprego exato da retidão discursiva, mas sim tatear questões e vislumbrar direções, de maneira que os elementos da nossa sensibilidade também contribuam para melhor objetivar a pluralidade de possibilidades e enfoques.

Isso não significaria cair num relativismo vulgar que muito pouco tem para contribuir? Espera-se aqui que, ao desfocar o objeto, possa-se melhor entender ou perceber os elementos estruturadores da relação que delimita nosso olhar; isso permite a não idealização do objeto focado. Esclarecendo, não se compreende um estudo que almeja discutir elementos tão voláteis e inconstantes como o observar uma paisagem, de uma geografia enraizada na vida do ser humano, insistindo em metodologias que partam de um distanciamento e abstração em si do objeto e do sujeito como base para uma objetividade rigorosa de análise, usando um determinado estudo de caso como exercício teórico e, depois de uma série de rígidas definições e aplicações conceituais, concluindo de forma clara e precisa o resultado final do estudo, ou seja, do ponto de vista do rigor discursivo, atingir objetivamente a conceituação verdadeiramente inquestionável e totalizante do caso focado.

Esse tipo de abordagem tem sua razão de ser e sua necessidade, mas não pode se tornar uma “camisa de força”, um modelo único e "natural" de se fazer ciência, pois este não possibilita perceber a realidade com uma dinâmica muito mais complexa e diversificada do que a nossa usual capacidade de tomá-la enquanto discurso lógico, portanto, cobra-se das análises e estudos científicos, notadamente os que abordam as relações humanas, uma flexibilidade e um equacionamento das posturas, opções teóricas e contribuições sociais.

Nesse sentido, aponta-se aqui a pertinência de se pensar outra forma de elaborar estudos científicos relacionados diretamente com as condições da vida humana. É necessário, atualmente, conceber e fazer uma ciência que aborde e priorize aos fatores e relações humanas segundo os referenciais e características próprias aos fenômenos e elementos estudados, não mais se baseando nos modelos e paradigmas das ciências físicas e matemáticas.

Nessa direção, discutir o estudo e a linguagem geográfica deve se realizar a partir de uma geografia presente no cotidiano da vida humana que, de tão arraigada à própria produção da existência individual, quase não é percebida pelas pessoas na sociedade atual, como a expressa no livro de Alan Moore, de maneira que a redução conteudística imposta pelos referenciais teóricos e metodológicos do discurso científico da geografia institucionalizada sejam redimensionados e ampliados em direção ao existir concreto e diverso das relações sócio espaciais do ser humano.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao chegarmos nesse ponto de nossas elucubrações, podemos apontar que geralmente se discute a linguagem geográfica a partir de um referencial hegemônico atualmente construído, ou seja, discute-se uma geografia restrita aos parâmetros institucionalizados e formalizados pela academia, reproduzidos em livros didáticos e nas aulas do ensino básico ou superior, os quais não abordam toda a riqueza das relações espaciais presentes na geografia da vida. A seleção de determinados conteúdos, a prioridade pela coerência metodológica e rigor teórico em si são os fatores mais determinantes para a linguagem oficial da geografia que, segundo os defensores desta visão, só será considerada geografia se atingir os parâmetros rígidos e precisos do discurso científico.

Ora, a geografia vai além desse discurso científico em si e, mais ainda, não pode ser concebida enquanto discurso restrito a referenciais oriundos de outros saberes considerados mais científicos que qualificarão o que é ou não é geográfico.

Partindo dessas considerações, torna-se possível pensar a geografia a partir de outros parâmetros científicos, mais voltados à dinâmica e complexidade diversa das relações humanas, individuais e coletivas, cotidianas e históricas, pontuais e panorâmicas, de maneira a redimensionar o chamado discurso científico, ampliando-o para o diálogo com outras esferas do saber humano (notadamente a arte e a filosofia), fazendo da linguagem geográfica um referencial científico mais dinâmico e aberto à vida em sua riqueza e diversidade.

Nesse contexto, o ensino de geografia assume um papel determinante, na medida em que, pelo fato de trabalhar diretamente com alunos que vivenciam o mundo de forma mais direta e contraditória, o professor possui em suas mãos toda a riqueza das relações espaciais experimentadas e produzidas diretamente pelos homens; relações estas não restritas aos conceitos e estudos científicos elaborados no interior dos muros acadêmicos, mas relações travadas entre os homens no próprio fundamento de suas existências. Saber olhar essas vidas e entendê-las em suas interações de escalas diversas, produzindo discursos e análises contextualizadoras para que, conforme as condições e opções individuais, o ser humano tenha parâmetros mais balizados para ler e se inserir no mundo é o desafio a ser enfrentado pelo professor.

O ensino de geografia possui esse potencial, mas para tal necessita superar seus vícios e preconceitos cientificistas, necessita tensionar o já instituído como único e correto para buscar outras intenções e possibilidades e, para isso, precisa recriar sua linguagem no diálogo com outros saberes e notadamente com a vida humana.

Como a vida é extremamente complexa, buscar entendê-la torna-se impossível em sua totalidade, daí que a redução do real aos referenciais, modelos e conceitos teóricos do discurso científico tornou-se uma maneira de saciar essa carência de explicação lógica a envolver cada ser humano. Contudo, caso não se tenha consciência dos limites desse discurso, corre-se o risco de que o acesso ao rigor do mesmo venha iludir nossa capacidade de compreensão e, portanto, acabe servindo mais para justificar nossos erros e tragédias do que para balizar nosso melhor entendimento sobre os fenômenos subsidiando nossas opções futuras.

É o que ocorreu com o exemplo aqui retratado a partir do personagem Bull (Jack) no livro *Do Inferno*. Bull justifica as terríveis ações que cometerá enquanto Jack, o estripador, a partir de toda a concatenação construída pela sua erudição, pelos dados históricos, sociológicos, antropológicos e geográficos elaborados com rigor e precisão científica, contudo, faltava para ele, no caso da geografia, a consciência desse saber presente na vida cotidiana de todas aquelas culturas e sociedades por ele descritas e analisadas historicamente. Quem sabe, caso ele tivesse contato enquanto estudante com outro parâmetro científico, uma ciência e uma geografia mais voltada para as necessidades humanas e não restrita aos interesses de grandes instituições a partir do empobrecimento conteudístico e do estéril rigor e precisão teórica, ele não justificaria suas atrocidades como uma missão de assepsia social, cientificamente precisa e necessária.

Finalizamos nossas considerações retornando ao deslocar de Jack pela Londres vitoriana. Ele ia empunhando um mapa da cidade no qual demarcava os pontos por ele analisados com erudição. Ele tentava estabelecer uma ordem geométrica precisa, fazendo uso da linguagem científica para objetivar e dar um sentido único a todo misticismo e emblemas ocultos em cada monumento e local visitado. Ao assim crer, ele esclarece o seu entendimento geográfico do mapa.

Mapas tem potência se adequadamente decifrados, geram uma riqueza inestimável de saber. Codificados nas pedras desta cidade estão símbolos cujo trovejar basta para despertar os deuses adormecidos e submersos no leito oceânico dos sonhos (MOORE, 2000, p. 101).

Aí, portanto, identificamos as duas ideias de geografia presentes no referido livro: de um lado, a necessidade de imposição de um rigor e precisão discursiva sobre os elementos da paisagem, reduzindo tudo a pontos num mapa geometricamente exato, deturpando, assim, a riqueza dos fenômenos espaciais, restritos a uma mera necessidade de justificativa dos atos insanos do homem. Do outro, o potencial de silêncio oculto, "adormecidos e submersos no leito oceânico dos sonhos", nos mesmos fenômenos paisagísticos, bastando tão somente aprender com eles via outras linguagens, como a artística, para redimensionar o sentido de espacialidade daqueles elementos para o existir concreto de cada ser humano.

Nesse aspecto, outra possibilidade para o discurso científico da geografia torna à superfície e instaura potencialidades com força de atualização de outros devires de sentidos possíveis.

A geografia não se contenta em fornecer uma matéria e lugares variáveis para a forma histórica. Ela não é somente física e humana, mas mental, como a paisagem. Ela arranca a história do culto da necessidade, para fazer valer a irredutibilidade da contingência [...]. Enfim, ela arranca a história de si mesma, para descobrir os devires (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 125).

As palavras de Deleuze e Guattari espraíam as tensões geográficas que desdobramos a partir de *Do Inferno*, o que reverbera em nossa realidade atual. Tendemos a ver a geografia como a consequência física ou humana no território de um desenvolvimento linear histórico de causas e efeitos. Evitamos pensar a geografia de forma geográfica, como os dois filósofos apontam, qual seja, entender a contingencialidade múltipla da dinâmica espacial, que se desdobra como se fosse uma paisagem do pensamento, uma imagem do pensamento em sua ordem espacial, a forma com que o mundo acontece enquanto pensamento. Essa força geográfica arranca a história de si e a coloca na ordem espacial dos fenômenos, enquanto devires que acontecem aleatoriamente e que temos de saber conviver com eles.

Ao invés de tentar justificar historicamente a racionalidade de consertar erros, fazer assepsia e eliminar problemas – como a ciência majoritariamente tenta fazer, negando assim a fantasia, a ilusão, o desejo e a Jack como elementos inerentes no processo de se produzir vida e pensamento, Dr. Bull poderia assumir o sentido espacial dos fenômenos para tentar melhor se orientar e se localizar no mundo a partir do lugar em que se encontra. É necessário, portanto, não buscar uma verdade e normalidade idealizada, pois assim a tendência a estripadores e injustiças aumenta, mas sim buscar instaurar sentidos outros, devires possíveis para afirmar a vida, melhorar a existência em meio a complexidade e não negá-la em nome da uniformização dos resultados idealizados.

Ao invés de justificar cientificamente atrocidades injustificáveis, produzir linguagens de entendimentos mais ricos para a ciência e para a vida humana, potencializar a vida enquanto arte que afirma o viver. Uma geografia assim tem muito a dizer no contexto da escola atualmente.

É incrível como uma obra de arte, no caso um romance gráfico, tem a força de apresentar outros sentidos para o conhecimento geográfico, fazendo, assim, a linguagem científica derivar em outras possibilidades, na busca por outros sentidos e intenções.

## REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é Filosofia?* Rio de Janeiro: ed. 34, 1992.

DESCARTES, René. *Discurso do Método*. Os Pensadores. São Paulo, Nova Cultural, 1996.

FERRAZ, Cláudio Benito O. Literatura e Espaço: aproximações possíveis entre arte e geografia. In: SOUZA, Adauto O. [et. al.]. *Transfazer o espaço: ensaios de como a literatura vira espaço e vice versa*. Dourados (MS): Editora da UFGD, 2011, p. 11-58.

HORKHEIMER, Max. *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*. Os Pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1983.

MOORE, Alan. *Do Inferno*. São Paulo, Via Lettera, 2000.

PRIGOGINE, Ilya. Ilya Prigogine, arquiteto das "estruturas dissipativas". In: PESSIS-PASTERNAK, Guita. *Do Caos à inteligência artificial - entrevistas de Guita Pessis-Pasterk*. São Paulo, Ed. Unesp, 1993.

TELLES, Ignácio S. *Vivência e Reflexão - o esvaziado coração dos homens*. São Paulo, I. S. Telles, 1997.

Recebido em 05/08/2018.

Aceito em 28/10/2018.

Publicado em 10/09/2020.